

## Concepções de Educomunicação e o programa mais educação

Daniéli Hartmann ANTONELLO<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo é resultado de leituras e análises iniciais sobre o termo Educomunicação. Em 1989 o Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (CCA-ECA/USP), iniciava sua trajetória de pesquisas e estudos na interface entre comunicação e educação. Mais tarde, entre 1997 e 1999, os pesquisadores apontavam para a emergência de um novo campo – interdisciplinar e autônomo – de intervenção social, então denominado Educomunicação. Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e aborda concepções sobre o termo a partir dos autores Freire (1983), Káplun (1997) e Bakhtin (1999). Contempla também a estratégia do Ministério da Educação para a ampliação da jornada escolar nas redes públicas, estaduais e municipais de ensino através da criação do Programa Mais Educação.

**Palavras-chave:** Comunicação. Educação. Educomunicação. Mais Educação.

### Resumen

Este artículo es resultado de lecturas y análisis sobre la Educomunicación. En 1989 el Departamento de Escuela de Artes y Comunicación de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo (CCA-ECA/USP), comenzó su carrera de la investigación y los estudios sobre la relación entre la comunicación y la educación. Más tarde, entre 1997 y 1999, los investigadores señalaron la aparición de un nuevo campo - interdisciplinar y autónomos - la intervención social, entonces llamada Educomunicación. Este artículo surge una literatura y se analizan las concepciones de la expresión de los autores Freire (1983), Káplun (1997) y Bakhtin (1999). También está la estrategia del Ministerio de Educación para ampliar la jornada escolar en la educación pública, estatal y local a través de la creación de Programa Más Educación.

**Palabras claves:** Comunicación. Educación. Educomunicación. Más Educación.

---

<sup>1</sup> Especialista em Docência Universitária - URI – Campus de Santo Ângelo. Graduada em Comunicação Social (Unisul). Professora Substituta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria/FW. E-mail: daniantonello@hotmail.com

## Introdução

Por muito tempo o processo educacional brasileiro perpassou como uma tarefa restrita ao espaço físico, aos saberes sistematizado e a uma proposta curricular homogênea e descontextualizada da vida do estudante.

Esse modelo culturalmente instituído e vigorado durante décadas em nosso país está repensando a prática educativa e buscando soluções para a formação plena do educando, considerando as atividades curriculares e extracurriculares como partes de um único processo de aprendizagem.

Nas últimas décadas, o Brasil caminhou para o acesso quase universal de crianças, adolescentes e jovens ao Ensino Fundamental e Médio. Porém, ao mesmo tempo em que tenta romper esses limites político-pedagógicos que enclausuram o processo educacional, as altas taxas de evasão apontam para um distanciamento do papel que a instituição escolar representa, de fato, na vida de seus estudantes. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), apontou em seu Relatório de Desenvolvimento que o Brasil tem a 3ª maior taxa de evasão escolar entre os 100 países com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2012. Um a cada quatro alunos que inicia o Ensino Fundamental no Brasil abandona a escola antes de completar a última série. Isso representa que a taxa de evasão escolar é de 24,3% <sup>2</sup>, e que o Brasil, infelizmente, ocupa a 85ª posição do ranking.

A educação brasileira, além de enfrentar uma alta taxa de evasão escolar, precisa entender que a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais e não pedem autorização à escola para se expandir socialmente. Sendo assim, é preciso retomar o sentido que a escola tem na vida do aluno e, da mesma forma, o papel do professor, o sentido de sua tarefa em sala de aula. E nessa perspectiva, o método mais adequado de ensino-aprendizagem ainda continua sendo aquele destacado pelo educador Paulo Freire (1996), pág. 25 onde “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

---

<sup>2</sup> De acordo com dados do Pnud de 2012, disponíveis em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2013; 14:30.

## 1 Educomunicação: o surgimento de um novo campo

Os meios de comunicação – o jornal, o rádio, a televisão e o cinema – por muito tempo difundiram informação e entretenimento nos lares brasileiros. Utilizando linguagem atraente, lúdica e interativa eles conquistaram também o espaço escolar. Ambiente que, por vezes, sente-se perdido com tantas mudanças tecnológicas. Os estudos em Educomunicação, área de pesquisa na interface entre comunicação e educação, têm se tornado cada vez mais necessários e urgentes na medida em que estudos indicam a grande facilidade de aprendizagem que crianças e jovens possuem com as tecnologias.

Recentemente um projeto realizado pelo núcleo de ensino da Universidade Estadual Paulista (Unesp), mostrou que o uso de ferramentas tecnológicas educativas melhoram em 32% o rendimento dos alunos em sala de aula<sup>3</sup>.

Essa comprovação reafirma que o conhecimento está espalhado pelo ciberespaço e cabe aos profissionais de educação direcionar, estimular, compartilhar e construir o conhecimento de forma conjunta. Vieira (2010, p.06) acredita que:

a tecnologia não subestima, nem o educador, nem o educando, apenas modifica as relações entre os mesmos propiciando um novo ambiente de compartilhamento de conhecimento em que o domínio sobre a máquina e sobre o ciberespaço se faz imprescindível.

Percebe-se que nesse novo cenário não há mais espaço para o modelo tradicional de educação, sem diálogo e conteudista, onde o professor é visto como o emissor, o conteúdo, a sua mensagem e o aluno como receptor, numa forma de relação definida por Paulo Freire (1987, p. 57), como narradora ou dissertadora. “Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos”.

A construção do termo Educomunicação se vale de muitos teóricos. Nutre-se das principais ideias do educador brasileiro Paulo Freire, do filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin e do educador argentino Mário Kaplún.

---

<sup>3</sup> De acordo com os dados do estudo “Objetos de Aprendizagem em Sala de Aula: Recursos, Metodologias e Estratégias para a Melhora da Qualidade de Ensino”, disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia>

O pensamento de Freire (1983) é centrado no indivíduo. Para ele, a missão da educação é antes de tudo um compromisso com a mudança social. O autor vê o sujeito como um ser inacabado e em constante processo de aprendizagem. Nesse sentido, a educação é entendida como um processo sócio histórico, ou seja, não pode ser alcançada de maneira isolada das relações sociais. É necessário que o sujeito esteja em conexão com as situações locais e enraizado em sua comunidade, assim terá maior consciência dessa realidade e agirá como sujeito de direito e não mero espectador dos fatos.

O pensamento de Freire vem ao encontro de um dos objetivos nos estudos em Educomunicação. Na interface, entre as duas áreas do conhecimento, não há espaço para a hierarquia na distribuição do saber. Justamente por reconhecer que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independente de sua função operacional dentro e fora do ambiente escolar. Sendo assim, para Freire não há sentido no modelo de educação centrada na acumulação de conhecimentos, ainda muito empregada em nossa sociedade e entendida apenas como transmissão de informação.

Para ele, a educação deve ser entendida como um processo de troca de iguais, em que não há uma relação de poder estabelecida entre aquele que ensina e aquele que aprende. O processo da educação ocorre em conjunto, formado por um sistema comunicacional. Assim, tanto o emissor quanto o receptor aprendem.

Nessa perspectiva, o pensamento de Freire pode ser relacionado diretamente ao de Bakhtin (1999), para quem a realidade é construída a partir da diversidade de vozes sociais. Para o filósofo, a comunicação é um sistema complexo e que envolve a participação subjetiva dos interlocutores – com seus valores culturais e sua formação psicológica – além das diversas relações sociais e hierárquicas. Assim, a interação é uma realidade fundamental da linguagem e os sujeitos não são determinados previamente - eles se constroem ao se comunicarem. Eles são substituídos por diferentes vozes, o que faz deles sujeitos históricos e ideológicos. Dessa forma, nenhuma comunicação é neutra ou ingênua. A interação social é constante no processo da comunicação. O falante compõe o discurso de maneira dialógica, levando em conta as vozes sociais, afirmando a sua individualidade. Em face do exposto acima nota-se uma

semelhança entre o pensamento de Freire e Bakhtin: o usuário constrói o conhecimento e sua individualidade a partir do diálogo e do embate com o outro.

Nesse contexto, outra similaridade é observada com os estudos em Educomunicação. De acordo com Machado e col. (2010, p. 5), a interface entre comunicação e educação como prática informal de aprendizado possibilita a formação de opiniões críticas dentro e fora dos muros da escola. E, justamente por isso, torna-se extremamente relevante criar pontos de convergência entre os ensinamentos da sala de aula e da vida cotidiana dos sujeitos, com a finalidade de orientá-los na construção de valores humanos e éticos.

Já Kaplún (apud Massmaann; Raddatz, 2009, p. 3-4) encontra paralelo aos autores já citados acima quando estabelece linhas de pensamento sobre a interface entre comunicação e educação. Desse modo, a “educomunicação propicia a participação e interlocução, não o monólogo, permite que os alunos falem, expressem suas visões de mundo, trabalhem coletivamente seus imaginários e se tornem novos emissores e não meros receptores”. Kaplún aponta que a construção dos significados deixa de ser um problema puro de compreensão e passa a ser, um problema de expressão. Vê a comunicação como um componente necessário do processo de conhecimento e não só como um produto ocasional e subsidiário do mesmo.

Em face do que já foi exposto, algumas concepções coadunam com uma nova forma de pensar a relação entre comunicação e educação a partir do pensamento de Soares (2011, p. 47). Para ele, a Educomunicação busca “preparar o cidadão para assumir sua condição de agente comunicativo através do reconhecimento e do exercício compartilhado do direito universal à expressão”. Desse modo é possível promover a educação libertadora e autônoma dos indivíduos e prepará-los para pensar, desenvolver sua consciência e seu senso crítico na sociedade midiaticizada. Em outra obra Soares (2000, p. 115) define Educomunicação nas seguintes palavras:

“..o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância ou ‘e-learning’, e outros...”.

Em outras palavras a Educomunicação é um campo de relação de e entre saberes. Na verdade é um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e da construção do saber. Por isso vai muito além da interface. Destaca-se, de modo significativo, um terceiro termo, a ação (Soares, 2006, p.3). Essa ação é fruto das relações de construção e formas de conhecimento do saber. É através da ação que o indivíduo cresce e torna-se sujeito de si mesmo, capaz de novas leituras e interpretações das mensagens midiáticas e de novas atitudes como sujeito participativo. Afinal, não se forma cidadão sem participação. E assim, a ação em Educomunicação é o resultado mais desejado.

## **2 Educomunicação: do papel à prática**

Para promover ações de mudança é preciso inicialmente rever as relações de comunicação em todas as esferas da escola e da comunidade. E, para isso, é preciso eliminar as formas autoritárias de comunicação e suscitar ambientes abertos e democráticos à sociedade.

No que tange ao ambiente escolar, o Governo Federal lançou em 2007 o Programa Mais Educação, instituído pela portaria Interministerial n.º 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, que integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e contempla os Ministérios da Educação, Desenvolvimento Social e Combate a Fome, Ciência e Tecnologia, Esporte, Meio Ambiente, Cultura e Secretaria Nacional da Juventude.

A proposta do Mais Educação é a ampliação do tempo da jornada escolar, considerando as atividades curriculares e extracurriculares como partes de um único processo e com um objetivo comum: a formação plena do educando. Neste caso, a educação integral é muito mais do que aumentar o número de horas das crianças na escola. Propõe a formação mais completa possível do indivíduo, integralizando os aspectos cognitivos e emocionais, além de considerar as particularidades das questões sociais do Brasil e alimentar-se de parcerias entre os ministérios e outras instâncias do Governo Federal. Envolve também requisitos que, de forma geral, não são

contemplados em uma visão tradicional conteudista da educação e do espaço escolar, tais como o desenvolvimento de habilidades específicas, o diálogo entre os conhecimentos escolares e comunitários, a proteção e a garantia básica dos direitos de crianças e jovens, além da preocupação da saúde pública, segurança, habitação, saneamento, entre outros temas.

Para atingir essas metas e contribuir com o processo de implementação da política de Educação Integral, o Programa Mais Educação, propõe que as escolas participantes disponibilizem oficinas educativas oferecidas em diversas áreas temáticas pelos macrocampos do programa, a saber: Acompanhamento Pedagógico; Alfabetização; Educação Ambiental; Esporte e Lazer; Direitos Humanos em Educação; Cultura e Artes; Cultura Digital; Promoção da Saúde; Comunicação e Uso das Mídias; Investigação no Campo das Ciências da Natureza e Educação Econômica. (MEC, 2010).

A Educomunicação, área de interesse deste trabalho, insere-se no macrocampo Comunicação e Uso das Mídias. Entre as atividades que podem ser desenvolvidas no ambiente educativo estão a construção de um Jornal Escolar, a elaboração da Rádio Escolar, a confecção de Histórias em Quadrinhos, a captação através de Fotografia e a execução de Vídeos. (SECAD, 2012).

Essas atividades, como prática informal de aprendizagem, aparecem como alternativas no novo modo de educar e formar cidadãos. Mais do que isso: torna-se possível aliar comunicação e educação numa forma de educar e comunicar, ou seja, por meio da Educomunicação. (MACHADO et al, 2010).

Baseando-se nessas contribuições é importante ressaltar que a partir da produção midiática desenvolvida no ambiente escolar, contribui-se também para a construção crítica do indivíduo, instigando-o a refletir sobre as informações construídas pela mídia e de seu papel como consumidor. Assim, torna-se mais fácil apresentar a eles um jornal e, posteriormente, desconstruí-lo, despertando a consciência crítica de crianças e jovens de maneira mais lúdica, prazerosa e interativa.

## Considerações finais

Educar na contemporaneidade exige muito mais que sabedoria, afinidade com o outro e inteligência emocional. Estamos vivendo na era tecnológica, aonde crianças e jovens já chegam ao ambiente escolar sabendo muito mais que o professor sobre tecnologias. Sendo assim, não podemos excluir do processo educacional os novos recursos metodológicos e tecnológicos. E é nesse contexto que a Educomunicação aparece como alternativa, pois abre-se o campo para o diálogo e um espaço criativo para o exercício de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, apropria-se de vozes sociais e dos vários meios de comunicação da grande mídia para produzir suas mensagens em pequena escala, pela e para comunidade escolar.

Nesse sentido, este artigo, oriundo de um desejo pessoal e profissional, buscou através da metodologia bibliográfica, elucidar o surgimento deste novo campo, seus conceitos oriundos de autores populares e já consagrados, além de expor o trabalho realizado pelo Programa Mais Educação do Governo Federal que visa à ampliação do tempo da jornada escolar e oportuniza a milhares de jovens atividades no contraturno. Essas atividades veem ao encontro dos objetivos em Educomunicação, pois através desse processo e da produção – questão mais relevante nos estudos – envolve os participantes em várias atividades de forma coletiva e construtiva. Assim, através dessas ações, alcança-se o objetivo da formação plena do educando.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Editora UnB, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACHADO, J.; VIDOTO, S.; GARCEZ, C.; GONÇALVES, K.; ROSA, R. A  
Educomunicação como Processo Formativo: uma abordagem sobre violência no âmbito



escolar. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, Brasil, v. 3, n. 4, 2010. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/view/7022/6331>  
Acesso em junho de 2013.

MASSMAANN, Vanessa Lais Mallmann; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Educomunicação: A Possibilidade do Rádio como Componente Extracurricular**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau, 2009.

MEC (Ministério da Educação). **Série cadernos pedagógicos: Comunicação e Uso de Mídias**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em maio de 2013.

SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade). **Programa Mais Educação, passo a passo**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso\\_maiseducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf). Acesso em junho de 2013.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto?** Gens, Instituto de Educação e Cultura, 2006. Disponível em [www.portalgens.com.br](http://www.portalgens.com.br) . Acesso em maio de 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Quando o Educador do Ano é um educador: o papel da USP na legitimação do conceito**. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 13, n.3, 2011. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view>  
Acesso em junho de 2013.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: um campo de mediações**. *Comunicação &*

*Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, nº 19.

VIEIRA, Eloy Santos. SILVA, Aline Lisboa. SCHNEIDER, Henrique Nou. **O uso das Redes Sociais como Método Alternativo de Ensino para Jovens: análise de três projetos envolvendo comunidades virtuais**. Sergipe, 2010. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/88372789/O-uso-das-redes-sociais-como-metodo-alternativo-para-o-ensino-de-jovens-EDUCON>. Acesso em maio de 2013.